ENTRE O QUIMONO E O VESTIDO: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS DO ORIENTALISMO NA PERSPECTIVA OCIDENTAL A PARTIR DAS OBRAS "MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA" E "DOM CASMURRO"

BETWEEN THE KIMONO AND THE DRESS: APPROXIMATIONS AND DISTANCING OF ORIENTALISM FROM A WESTERN PERSPECTIVE BASED ON THE WORKS "MEMOIRS OF A GEISHA" AND "DOM CASMURRO"

ENTRE EL KIMONO Y EL VESTIDO: APROXIMACIONES Y DISTANCIAMIENTOS DEL ORIENTALISMO DESDE UNA PERSPECTIVA OCCIDENTAL A PARTIR DE LAS OBRAS "MEMORIAS DE UNA GEISHA" Y "DOM CASMURRO"

Thiago Augusto Narikawa[1]
Eliézer Reis Vicente[2]
Ellen Risia de Siqueira Freitas[3]
Olira Saraiva Rodrigues[4]

RESUMO
Este artigo parte da transliteratura e da interculturalidade para estudarmos o orientalismo e suas particularidades, tendo como um dos objetivos principais demonstrar que os processos de internacionalização, globalização e mundialização trouxeram grandes aproximações, assim como enormes distanciamentos. Para essas questões, definimos a relação entre o Ocidente e o Oriente como uma relação de poder e de dominação a partir dos estudos da Análise do Discurso de Michel Foucault, fazendo uso do filme *Memórias de uma gueixa* (2005) e traçando um paralelo com a personagem ocidental Capitu, da obra *Dom Casmurro* (1999), de Machado de Assis, em uma perspectiva dos estudos de gênero. Em uma lógica criticável, inferimos que o orientalista tenta explicar por qual motivo o Oriente é como é, mas que, devido à complexidade e, principalmente, por causa das culturas divergentes, muitas vezes não o descreve como ele realmente é.
PALAVRAS-CHAVE: transliteratura; oriente e ocidente; análise do discurso; aproximações e distanciamentos.

ABSTRACT
This article starts from transliterature and interculturalism to study Orientalism and its particularities, having as one of the main goals to demonstrate that the processes of internationalization, globalization and globalisation brought great approximations, as well as huge distancements. For these questions, we define the relation between the West and the East as a relation of power and domination based on the studies of Michel Foucault's Discourse Analysis, making use of the movie Memoirs of a Geisha (2005) and drawing a parallel with the western character Capitu, from the novel Dom Casmurro (1999), by Machado de Assis, in a perspective of gender studies. When we analyze gender issues, International Relations and the studies that cross and permeate such process, we can have a contextualization of the whole, but not necessarily of its signs and meanings. In a criticizable logic, we infer that the Orientalist tries to explain why the Orient is the way it is, but that, due to the complexity and, mainly, because of the divergent cultures, he often does not describe it as it really is.
KEYWORDS: transliterature; east and west; discourse analysis; approximations and distancements.

RESUMEN
Este artículo se basa en la transliteratura y la interculturalidad para estudiar el orientalismo y sus particularidades, siendo uno de sus principales objetivos demostrar que los procesos de internacionalización, mundialización y globalización han provocado grandes acercamientos y también enormes distanciamientos. Para estas cuestiones, definimos la relación entre Occidente y Oriente como una relación de poder y dominación a

[1] Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil. Orcid:0000-0002-9928-9160
[2] Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil. Orcid:0000-0001-5338-478X
[3] Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil. Orcid:0000-0002-4371-8050
[4] Universidade Estadual de Goiás (UEG), Brasil. Orcid:0000-0003-2371-3030.

partir de los estudios de Análisis del Discurso de Michel Foucault, utilizando la película Memorias de una Geisha (2005) y estableciendo un paralelismo con el personaje occidental Capitu, de Dom Casmurro (1999), de Machado de Assis, desde una perspectiva de estudios de género. En una lógica criticable, deducimos que el orientalista intenta explicar por qué Oriente es como es, pero que, debido a su complejidad y, sobre todo, a las culturas divergentes, a menudo no consigue describirlo como realmente es.
PALAVRAS-CLAVE: transliteratura; oriente y occidente; análisis del discurso; aproximaciones y distancias.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

> Uma história como a minha não é para ser contada. No meu mundo isso é proibido e frágil. Sem seus mistérios não pode sobreviver. Eu certamente não nasci para a vida de gueixa, assim como tudo que me ocorreu nessa estranha vida eu fui levada até lá pela correnteza [...].
> (Memórias de uma gueixa, 2005, 3 min).

A cultura oriental é envolta em mistérios que instigam a imaginação e muitos dos seus detalhes são embebidos em significado. Pesquisar sobre literatura oriental é, antes de qualquer coisa, analisar a perspectiva literária com outros olhos, sob perspectivas completamente diferentes do que estamos acostumados a ver, ler e escutar. Notadamente a nossa literatura, ou literacia, como é conhecida em Portugal, estuda, consome e pesquisa o ocidente. Portanto, o processo ocorre entre norte e sul. Já o orientalismo é um estudo do leste e oeste e, principalmente, ao longo dos últimos anos, tem tomado impulso, tanto na academia quanto nas massas, impulsionado por muitos fatores, tais como: os mangás, animes, filmes asiáticos e a cultura oriental que passa a ser consumida no processo de globalização e mundialização da cultura, como defende Ortiz (2007).

A subjetividade inerente ao processo de compreensão do que pode ser entendido como Ocidente e como Oriente não pode ser ignorado. Patente ressaltar o desafio de colocar três pesquisadores de áreas, contextos e graduações diferentes para escreverem a seis mãos. Todavia, assim como na perspectiva do desafio em estudar o orientalismo e suas particularidades, a riqueza construída pelos contextos diferentes que cada pesquisador traz é o que torna ainda mais interessante nosso estudo.

Abarcamos como ponto de início e marco de estudo o orientalismo nipônico, haja vista que o oriente em si é extremamente vasto e com possibilidades infinitas de estudo. A escolha se dá apenas pela maior facilidade de pesquisa e contextualização acadêmica, metodológica e bibliográfica. Um dos objetivos da pesquisa é demonstrar que os processos de internacionalização, globalização e mundialização trouxeram grandes aproximações, assim como enormes distanciamentos.

Estudar o oriente, ser oriental ou mesmo, ser um oriental no ocidente, nos possibilita

compreender os contextos entre leste e oeste de maneira mais contextualizada, porém, é importante que por mais que estudemos o contexto do oriente, especificamente o Japão, não conseguiremos ver o todo. Este estudo é apenas um prisma que, ao longo do processo, tentamos ajustar, focar, angular para que possamos ver o mais próximo possível uma cultura tão vasta e tão diferente. É uma busca de respostas na imensidão desconhecida de uma cultura extremamente rica e complexa, ao mesmo tempo, um repensar sobre uma série de contextos e contextualizações que fazem da cultura ocidental, principalmente a brasileira, tão ampla, miscigenada e, por isso, tão rica; algo tão fantástico.

A literatura que transcende, não somente o contexto cultural, mas como também as fronteiras físicas, estruturais e identitárias. A transliteratura ou transliteracia, dentro das Humanidades Digitais, possibilitam que o ocidente esteja no oriente e vice-versa. Cidadãos do mundo como defendem Ortiz (2007) e Bauman (2001), estamos todos em um processo sem volta e envoltos em marcas discursivas e contornos cada vez mais imbricados e dependentes.

Como um elo não fechado que une ocidente e oriente, utilizaremos como base ilustrativa de escrita, o livro e o filme Memórias de uma Gueixa (2005), sendo o primeiro o romance internacionalmente aclamado de Arthur Golden (1997) e, o segundo, uma produção de Steven Spielberg, dirigido por Rob Marshall. E a partir deles, demonstrar as aproximações e distanciamentos que ocorrem ao discorrermos sobre realidades tão distintas, mas que em algum momento se encontram, dialogam e transformam realidades. Nessa grande aldeia global, termo formulado pelo filósofo canadense Marshall Mcluhan e popularizado a partir de 1962, com o lançamento dos livros "A Galáxia de Gutenberg", publicado em 1962 e "Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem", de 1964, em que defende que nos encontramos em um todo que é uma soma de vários fatores, transposições e contextos.

Said (2007) traz grandes contribuições no que diz respeito ao orientalismo, principalmente o vinculado às Teorias das Relações Internacionais e estudos Pós-coloniais. Entretanto, não temos como objetivo aprofundar sobre tais contextos de maneira específica, mas em geral, potencializar-se-á a contextualização do tema na perspectiva do orientalismo a partir da perspectiva nipônica.

O Oriente é marcado por profundas transformações ao longo dos milênios. O Japão, porém, é um dos únicos países conhecidos que chegaram ao século XXI mantendo tradições e culturas milenares. Tal como defende Barros (1988), ao afirmar que

> Grande e estranho é o mundo. Pequenino é o Japão. Contudo, na história humana é o único povo que chegou a modernidade atravessando os milênios sem perder sua identidade, criando uma cultura única e colocando-se entre as principais nações. Não

> há exemplo semelhante. E este ato seria o suficiente para justificar o interesse de qualquer estudioso que queira compreender o homem e seus caminhos (BARROS, 1988, p. 1).

É fato que o processo de globalização e mundialização da cultura trouxeram inúmeros impactos para a sociedade, tanto positivos, quanto negativos. E é nessa dialética entre o próximo e o distante que a teoria se constitui. Através do olhar feminino, nesse estudo ilustrado por Sayuri, a força da mulher é potencializada em uma sociedade em que, ainda hoje, enfrentam o peso do machismo e do sexismo. Não tão diferentes da cultura ocidental, as mulheres japonesas ainda enfrentam vários desafios para serem reconhecidas como iguais.

Ao longo dos séculos aprenderam e produziram uma série de elementos que fizeram com que existissem, mas sem muita exposição e defendem seu espaço, majoritariamente firmado por homens. Na esteira das reflexões encampadas por Michel Foucault, podemos dizer que existe uma necessidade de se problematizar as discussões a respeito da sexualidade, motivados, principalmente, pelas da identidade de gênero, pois tais temas se defrontam na ordem do discurso (Foucault, 2017) e achamos aqui o espaço pertinente para trazer as gueixas.

Consideradas um patrimônio vivo cultural do Japão, as gueixas ao longo dos séculos sempre despertaram curiosidade, alvoroço, perplexidade e controvérsias sobre sua origem, estilo de vida e costumes. Durante muito tempo, elas eram as únicas mulheres que tinham liberdade de dar opinião sobre política, relacionamentos e assuntos majoritariamente masculinos. Envoltas em mistério e segredos a suas vidas e modos de viver sempre foram motivos de entusiasmo e curiosidade. Seus segredos foram e ainda são algo que tanto a cultura ocidental quanto a oriental tentam desvendar e o livro de Arthur Golden potencializa essas nuances de mistério ao mesmo tempo que nos mostra um pouco de um todo que não pode ser entendido, acessado e desmistificado. Pode-se, no máximo, ter um vislumbre de um processo tão amplo e complexo que traz mais perguntas que respostas e, talvez por isso, tão pouco pesquisado no Brasil.

Em tempos de Modernidade Líquida, fluidez de coisas e sentidos como afirma Bauman (2001), as pessoas buscam novos conceitos e contextos para compreender o mundo e as transformações do mesmo em suas vidas. Compreender o outro e suas singularidades, principalmente quando essas singularidades são muito diferentes das deles os fazem codificar, decodificar, transformar e redefinir conceitos, contextos e formas. A literatura não foge a esse processo.

Em uma sociedade cada vez mais interligada, em que os espaços físicos perdem suas fronteiras para o espaço virtual, países, pensamentos e pessoas estão cada vez mais próximos e conectados, tal como defende Ortiz (2007)

> Na virada do século, percebemos que os homens encontram-se interligados, independentemente de suas vontades. Somos cidadãos do mundo, mas não no sentido cosmopolita, de viagem. Cidadãos mundiais, mesmo quando não nos deslocamos, o que significa dizer que o mundo chegou até nós, penetrou nosso cotidiano (Ortiz, 2007, p. 3).

Dessa forma, a literatura é também transnacionalizada e com múltiplos formatos, nuances e contextualizações. O papel divide espaço com o espaço virtual. As traduções são cada vez mais acessíveis para as pessoas da grande aldeia global. A transliteratura ultrapassa horizontes e democratiza, de alguma forma, a maneira como vemos e compreendemos o mundo. Hoje podemos ler um livro através de maneiras múltiplas: áudio, Braile, PDF, entre outros.

São nessas nuances, contexturas e conceitos, por vezes tão distantes, outras tão próximas que esse artigo vai sendo construído. Olhares atentos, convergentes e divergentes, ora próximos ora distantes, tal como o próprio contexto conceitual ao qual nos embasamos que a construção de sentido é construída. Um olhar sobre o ocidente, outro no oriente. Texto, contextos, indagações e respostas vão construindo a base teórica ao qual nos embasamos. Nesse turbilhão de reflexões, o próximo se torna distante e o distante próximo. É, em última instância, um encontrar e se perder, definir, redefinir, desentender e entender o mesmo processo e o tornar mais acessível ao outro. A construção da literatura é um processo do fantástico no real ou não. Cabe a nós o papel de desvendar um pouco desse processo tão complexo e, ao mesmo tempo, tão fantástico.

MEMÓRIAS DE OUTRO TIPO, MEMÓRIAS DE UMA GUEIXA

FIGURA 1 – Sayuri. Cenas no filme Memórias de uma gueixa (2005)



Fonte: PINTEREST. Disponível em: https://br.pinterest.com/lemberck/mem%C3%B3rias-de-uma-gueixa/. Acesso em: 23 jul. 2023.

Memórias de uma gueixa conta a história de Chiyo Sakamuto, uma menina de singulares olhos azuis-acinzentados que vivia na aldeia de Yoroido, no Japão. Diziam que sua personalidade tinha muita água igual à de sua mãe, enquanto sua irmã, Satsu, tinha muita madeira, igual ao pai. Quando sua mãe ficou terrivelmente doente com o avanço de um câncer ósseo, a menina foi vendida pela família a uma casa de iniciação de gueixas. O filme conta desde a infância sofrida da moça na casa de gueixas, até o momento em que ela mesma torna-se uma, mudando de nome e aderindo a novos costumes. Ambientado no Japão da década de 1920, a narrativa se divide entre o período que antecede a Segunda Guerra Mundial e o Pós-Guerra.

No período pré-Guerra, quando Chiyo é vendida para o Okiya[5] ela logo se torna alvo de Hatsumomo, uma das gueixas de maior sucesso no Japão e que vive na okiya com o intuito de sustentar a casa. Hatsumomo se vê ameaçada pela menina, que por ter olhos cinza-azulados (o que é extremamente raro para os japoneses), será um atrativo a mais para se tornar gueixa e tomar logo o lugar dela como a mais lucrativa da casa. Tornando-se escrava da casa, Chiyo sonha em ser uma gueixa quando conhece o presidente de uma companhia que, ao vê-la chorando na rua, lhe paga um sorvete e lhe dá seu lenço e umas moedas como forma de acalmar a menina. A partir disto, ela decide se tornar gueixa para poder ver o presidente

[5] *Okiya* é a palavra em japonês que significa “casa de gueixa”.

novamente e, quem sabe, dentro da sua limitada perspectiva, viver uma história de amor. Os planos da menina se tornam realidade, quando, sob tutela de uma gueixa, ela inicia o processo para se tornar uma. Chiyo torna-se então Sayuri, no filme esse recorte aparece com a seguinte fala: "Naquele momento eu deixei de ser uma menina com uma vida vazia para alguém com um propósito. Percebi que ser gueixa poderia me trazer uma coisa: um lugar no mundo" (2015). A partir desse contexto temos o clímax da história que é a sua iniciação no mundo delicado e complicado das gueixas.

FIGURA 2 – Sayuri. Cenas no filme Memórias de uma gueixa (2005)



Fonte: CAIXA DE ISADORA. Disponível em: https://caixadeizadora.wordpress.com/2015/01/30/a-musica-de-memorias-de-uma-gueixa/. Acesso em: 22 jul. 2023.

Para se tornar uma dessas cobiçadas mulheres, as japonesas passam a vida toda treinando suas habilidades de tocar o shamisen (espécie de banjo), servir o chá, desenhar, retórica, dançar, além de aprender a entreter os homens com conversas e atos delicados. Vemos tudo isso no filme ao longo das memórias contadas pela protagonista e mergulhamos nessa cultura que é tão diferente da nossa. Transportamos-nos para este universo de delicadeza destas mulheres, que têm como objetivos principais de suas vidas serem um referencial de classe, cultura e entretenimento.

APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS

> Gueixas não são cortesãs. E também não somos esposas. Vendemos nossos talentos, não nossos corpos. Criamos um mundo secreto, um lugar somente de belezas. O termo "gueixa" significa "artista". E ser uma gueixa é ser julgada como uma obra de arte em movimento. [...] Ela se pinta para esconder o rosto, seus olhos são águas profundas. Gueixas não têm desejos. Gueixas não têm sentimentos. A gueixa é uma

> artista de um mundo imaginário. Ela dança. Ela canta. Ela o entretém. O resto é escuridão. O resto é segredo
> (Memórias de uma Gueixa, 2005, 128 min).

A literatura exerce um papel imprescindível, permitindo que possamos compreender os processos sócio-históricos. Os registros de textos literários podem ser uma chave para as interpretações e nessa perspectiva recorremos ao orientalismo, o qual configura-se como uma reflexão indispensável nesse percurso, começando por considerar que esse processo ainda está em andamento no mundo contemporâneo. Ressalta-se que ao longo da história, o Ocidente sempre se afirmou ao identificar o Outro, o Oriente, contrastando-o à sua própria imagem (Said, 2007). Said nomeia e define o que chamamos de Orientalismo como

> o Orientalismo pode ser discutido e analisado como a instituição autorizada a lidar com o Oriente – fazendo e corroborando afirmações a seu respeito, descrevendo-o, ensinando-o, colonizando-o, governando-o: em suma, o Orientalismo como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente (Said, 2007, p.29).

Dessa forma, há de se notar que o imaginário da população acerca de asiáticos também pode refletir na ficção, entretanto, não podemos entender os estereótipos como simplesmente originários da mídia. Eles são reproduzidos e difundidos em dados contextos, relacionados a formas de exercício de poder, podendo ser vinculados a certos discursos ideológicos. Porém, a mídia, com seu grande poder de difusão da informação, pode contribuir com o impacto e permanência desses estereótipos, transformando-os em referências comuns ao torná-las parte da experiência individual e social (Biroli, 2011).

Ressalta-se que, ao pensar na figura feminina, de oriente a ocidente, num contexto do século XIX, revela-se por meio da literatura como as mulheres eram vistas e, para isso, desenvolvemos um paralelo entre uma personagem oriental, Sayuri e ocidental, Capitu. Tais comparações literárias são uma projeção da contextualização que queremos traçar ao longo do texto e nos levam a compreender, através desse paralelo, como as mulheres eram vistas na sociedade a qual pertenciam.

O estereótipo da gueixa utilizado para a mulher japonesa é caracterizado como uma mulher obediente e passiva, sendo que, contexto em que ela está inserida em meio aos costumes tradicionais de sua respectiva cultura. As mulheres eram retratadas como objetos sexuais, a imagem da mulher submissa sempre está fortemente presente nesse tipo de representação, deixando clara a intenção de apresentá-las como extremamente dependentes do homem com quem se relacionam, servindo apenas como "[...] criaturas de uma fantasia

masculina de poder. [...] Elas exprimem uma sensualidade ilimitada, [...] acima de tudo, desejosas.” (Said, 2007, p.214).

FIGURA 3 – Cenas no filme Memórias de uma gueixa (2005)



Fonte: SCREAM YELL. Disponível em: https://www.screamyell.com.br/cinemadois/memoriasdeumagueixa.htm. Acesso em: 22 jul. 2023.

Importante ressaltar que no ocidente a situação que reverbera sobre as mulheres não era oposta à do oriente, entende-se que a mulher, especificamente, do século XIX não possuía direitos iguais ao se comparar com o gênero masculino. Elas tinham valores e determinações a seguirem, dando a entender que eram “objetos” de um desejo particular, com a ideia de trabalho serviçal, sem autonomia de terem direitos ou exercer desejos próprios. Conforme Oliveira (2012), as intenções femininas desse período de ser uma mulher independente, não passavam de desejos banais, sem perspectivas, não sendo levados em frente, pois a única independência permitida nesse período era o casamento. O matrimônio era algo visto como uma recompensa para a família da mulher, e até mesmo para a sociedade que valorizava esse comportamento, e que também esperava esse momento.

As mulheres eram restritas somente às atividades do lar, do ambiente doméstico, impregnadas por esse trabalho, algo sem valor para o mercado, por isso entende-se esse ato como uma maneira de manipulação, em que as mulheres tinham que vivenciar, cultuar e conviver com esses ideais, preservando assim os “valores” desse período. Ideias colocadas por uma sociedade machista, que tinham como objetivo manter as mulheres dependentes às suas convicções e desejos, de valorizar a cultura matrimonial, de ser obediente, exercer todas as atividades serviçais como se fosse algo natural, uma obrigação inegável e inerente.

Entretanto, essa não é apenas uma realidade tratada nas obras literárias, mídias e afins,

e sim uma representação de um modo real, que as mulheres viveram e ainda vivem, uma luta constante para que esses ideais de submissão, passividade não existam independentemente de estar no oriente, ou ocidente. Entendemos que a representação é uma referência e temos que nos aproximar dela, para nos aproximarmos do fato.

FIGURA 4 – Cenas no filme Memórias de uma gueixa (2005)



Fonte: PORTAL IMULHER. Disponível em: https://portalimulher.com.br/memorias-de-uma-gueixa/. Acesso em: 22 jan. 2023.

Como supracitado, *Memórias de uma gueixa* (2005), é uma obra de grande marco na literatura ocidental que tenta retratar a oriental, bem com, Capitu, personagem principal da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, a qual perpassa gerações. Ou seja, há aqui duas grandes figuras femininas, que trazem muito há cerca de seu tempo.

Em *Dom Casmurro*, especificamente ao retratar Capitu, vemos o quanto ela, desde nova lutou para ter autonomia. A princípio da obra, ela tem quatorze anos e já havia terminado os estudos, destinados para as mulheres, porque nesse período – século XIX – as mulheres não eram preparadas para o estudo e sim para o casamento, voltadas para as atividades domésticas, entretanto, no desenrolar da obra de Machado de Assis denota o quanto Capitu foi audaciosa, sobressaiu em seu tempo e rompeu com os paradigmas estabelecidos pela sociedade da época, trazendo o empoderamento feminino que, até então era silenciado pela mesma sociedade. Ao contrário da Sayuri, que retrata em primeira pessoa as suas memórias, Capitu não possui a mesma oportunidade. Todo o contexto histórico de suas memórias ocorre através do olhar masculino e sexista de Bentinho, que a coloca como a mulher sem virtude e sem valor social.

No século XIX, as meninas não tinham a possibilidade de estudar da mesma forma que os homens. A eles era possível cursar uma universidade entre as áreas disponíveis na época, porém às mulheres cabia o casamento ou, no máximo, o magistério, conforme apontado por Maia (2008), Megid (2008) e Coimbra (2007).

A descrição dos olhos de Capitu merece destaque. José Dias a descreve como tendo olhos de cigana oblíqua e dissimulada; Bento enxerga nela olhos de ressaca. Os olhos são entendidos, popularmente, como as janelas da alma, eles revelam. Chevalier e Gheerbrant (2005) destacam que o significado de olho perpassa a ideia de fonte, essência e que é considerado poderoso. Ao contrário do oriente, em que as mulheres são vistas nesse período através das nuances, de uma parte do corpo sem maquiagem, do punho a vista enquanto serviam chás aos homens daquela sociedade, treinadas para terem beleza em seus gestos, no modo de falar, caminhar, para soarem como educadas e delicadas. As gueixas são grande representação cultural do oriente.

E assim, nessas aproximações e distanciamentos culturais socioculturais que a narrativa torna forma, explica fatores até então descontextualizados e fazem com que o distante se aproxime daquilo que compreendemos como conhecimento do outro e suas singularidades.

OCIDENTE E O OUTRO: DISCURSO E PODER

Para compreendermos as nuances do processo ao qual nos debruçamos ao longo do tempo em que estamos escrevendo, optamos por analisar o discurso para que os arremates e alinhavos do texto tenham a contextualização precisa, mesmo que de um prisma não muito definido a partir do olhar ocidental. O discurso pode ser considerado um texto oral ou escrito, mas aqui iremos seguir a linha de estudos do discurso seguindo o teórico social francês, Michel Foucault.

Como discurso, compreendemos uma maneira particular de representar o Ocidente e Outro, pois os escritos de Foucault infiltraram-se no campo emergente dos estudos pós-coloniais e foram inacreditavelmente influentes, focalizando os discursos na construção de um regime de verdade (Foucault, 1979), constituidor de racismos da diferença (termo tomado emprestado a Lins, 1997), mas temos clareza que estamos selecionando apenas um fio de uma complexa urdidura sócio-discursiva, não com o intuito de desvendá-la ou explicá-la, mas de, ao nela nos embrenharmos em alguns aspectos de sua intrigante tessitura, em “um mundo no qual nada de importante se faz sem discurso” (Santos, 2000, p.74).

Podemos inferir que o Orientalismo é uma construção Ocidental, surgida a partir do fenômeno do colonialismo. Sendo "um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente". (Said, 2007, p. 29). Ou seja, um modo de discurso. (Said, 2007). Dessa forma, um discurso é um grupo de informações que fornecem uma linguagem para falar sobre. Segundo Foucault (1976) um discurso não é formado por apenas uma informação, mas de várias que operam em conjunto para formar o que ele define como formação discursiva. O discurso permeia e influencia todas as práticas sociais. O mesmo pode ser gerado por muitos indivíduos em diferentes espaços institucionais, traz elementos de outros, nunca é um sistema fechado, por exemplo, traços de discursos passados permanecem em discursos recentes do Ocidente. Foucault argumentaria que o discurso do Ocidente e o Outro tinham profundas implicações na prática, pois a linguagem, o discurso, tem efeitos reais na prática: a descrição torna-se, portanto, verdadeira.

O conceito de discurso se esquiva da problemática da veracidade na ideologia, mas não evita a questão do poder. Como afirma Foucault,

> Devemos admitir que o poder produz conhecimento… que poder implica conhecimento e vice-versa; que não há uma relação de poder sem que haja a constituição de um campo de conhecimento correlato, nem tampouco conhecimento que não pressuponha e constitua… relações de poder (Foucault, 1980, p.27).

Patente ressaltar que, a partir dessa perspectiva, é preciso compreender que "as ideias, as culturas e histórias não podem ser estudadas sem que sua configuração de poder seja também estudada. [...] A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia". (Said, 2007, p. 31). Dessa forma, o discurso do Ocidente e o Oriente não pode ser considerado inocente porque não representava um encontro entre iguais. Os Europeus já haviam demonstrado maiores habilidades foram mais sagazes que os povos que não tinham qualquer desejo de serem descobertos e explorados. Os europeus dominavam em relação aos Outros, eles detinham o poder.

Foucault resume esses argumentos da seguinte forma: o discurso não apenas implica poder; ele é um dos "sistemas" pelo qual o poder circula. O conhecimento que um discurso produz constitui um tipo de poder exercido sobre aqueles que são "conhecidos". Quando esse conhecimento é exercitado na prática, os "conhecidos", de uma maneira particular, serão sujeitos (sujeitados) a ele; é sempre uma relação de poder. A ideia mais importante que temos agora é a relação profunda e íntima que Foucault estabelece discurso, saber e poder. Segundo

ele, quando o poder opera em uma forma de verdade para qualquer conjunto de enunciados, então tal formação discursiva produz um regime de verdade[6].

Um dos melhores exemplos sobre o que Foucault entende por regime de verdade é fornecido pelo estudo de Edward Said, Orientalismo. Em sua obra, Said analisa os diferentes discursos que produziram o que denomina-se de "o Oriente". Said descreve esse discurso do Orientalismo. E em sua obra imbuída da ideia foucaultiana, temos que o Orientalismo é um "discurso que não está de maneira alguma em relação direta, correspondente, ao poder político em si mesmo, mas que antes é produzido e existe em um intercâmbio desigual com vários tipos de poder". (Said, 2007, p. 36).

Faz-se necessário discutir o movimento de bipolarização do mundo em oriente e ocidente, entendendo-o como uma construção inevitável das relações de poder. O poder que chamamos de racismo da diferença, talvez seja o processo de ocidentalização do mundo, marcado pela descoberta da América o que, para muitos marca, o início da modernidade (Venn, 2000), ou até mesmo o início da globalização, processo que se relaciona com o colonialismo e o capitalismo. Levar a Europa para o mundo constitui o primeiro momento de criar alteridade do outro para o europeu, o que é, ao mesmo tempo, o do que define que é europeu ou do que é o ocidente. É assim que Said indica como "o Oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente) como sua imagem, ideia, personalidade e experiência e contraste" (Said, 1978, p. 13).

A modernidade é, então, assemelhada à ocidentalização do mundo que se confunde com a expansão da Europa pelas colônias, fazendo com que essa se torne o ocidente. Nas palavras de Venn, o ocidentalismo é "o tornar-se ocidente da Europa" ou "o tornar-se o moderno do mundo" (Venn, 2000, p. 8). Desse modo, "a modernidade ocidentalizada gradualmente se estabelece como privilegiada, se não hegemônica, associada a uma ambição universalizante e totalizadora" (Venn, 2000, p. 19). Transação indissociável das práticas discursivas que engendra saberes, forja verdades sobre o outro e funciona ativamente na produção de subjetividades estigmatizadas; constrói na modernidade narrativas sobre o europeu e, concomitantemente, narrativas imaginárias sobre o que não é europeu; ou sobre a deficiência, inferioridade do não-europeu.

[6] De acordo com Foucault (2010a, p. 67), regimes de verdade implicam naquilo "que constrange os indivíduos a um certo número de atos de verdade", estabelecendo para tais atos, determinadas condições e efeitos específicos.

GÊNERO E DISCURSO: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM FEMININA NA SOCIEDADE JAPONESA

O discurso que consagra as estruturas socialmente construídas na sociedade sobre o que significa ser feminino e masculino é muitas vezes subestimado nas razões que dão à estrutura social japonesa que dá aos homens japoneses domínio sobre as mulheres.

Em *História da sexualidade* (1976), Michel Foucault defende a reflexão sobre o poder do discurso e como a representação social da mulher pode contribuir para a compreensão da fragmentação do conceito de identidade, na qual podemos refletir sobre o discurso como forma dominante sobre o corpo do outro. Sob o olhar atento do discurso determinista do Japão é específico para homens e mulheres, como se fosse possível dividir os indivíduos em dois grandes grupos, independentemente da afirmação de Foucault de que o poder é multidirecional, afetando todos os indivíduos sem rigidez aparente. Podemos compreender que o padrão social rígido na sociedade japonesa, onde a figura feminina é marginalizada, não caberia colocar a mulher como parte integrante e necessária para a idealização de sociedade homogênea japonesa que devem incluir-se estudos sobre a mulher.

Em *O segundo sexo*, Simone Beauvoir (1967) explicou as complexidades sociais de ser mulher e as diferentes subjetividades do que significa feminilidade. Como ela disse: "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher". Essa lógica não é exceção na sociedade japonesa, que impõe certos tipos de valores sociais e éticos às mulheres.

A maior crítica ao feminismo é sua incapacidade de incluir todas as mulheres em sua agenda diversificada, que sempre foi dominada por mulheres brancas, heterossexuais e de classe média do Ocidente, que, além de estar associada a noções generalizadas de opressão, é também alguns aspectos culturais importantes das mulheres são muitas vezes esquecidos. Muitas vezes, para fortalecer seu discurso, ele acaba enfatizando uma visão ocidentalizada e opressora do Oriente e das culturas circundantes, muitas vezes criando uma distorção e estereótipo do desconhecido.

Partindo não apenas de gênero, a Teoria Pós-colonial dá voz a essa mulher excluída. Boaventura de Souza Santos vai colocar que a teoria pós-colonialista vai procurar entender um mundo contemporâneo através das desigualdades entre Oriente e Ocidente, Sul e Norte, criadas pelo colonialismo ao decorrer da história. Mesmo que a época do colonialismo tenha acabado, ainda há resistência na personalidade e no discurso do opressor.

O movimento feminista japonês vai buscar por equidade de gênero por um recorte de luta anti-imperialista e patriarcal com base na Teoria Pós-colonialista, levando em

consideração a raça. Há uma luta por libertação, resgate de memórias, reconstrução da história japonesa, além do acolhimento e da aceitação dos corpos femininos não brancos, buscando sempre acabar com marcas sociais que prolongam as violações de gênero.

Outro ponto a ser discutido é a fetichização da mulher “gosto de ficar com japas”. As mulheres amarelas são diariamente vítimas de micro agressões caracterizadas por um ódio sem embasamento da cultura ocidental, que tem seu corpo reduzido a um objeto exótico e exposto, frágil e submisso, como se fosse diferente de outras mulheres como objeto de curiosidade. Nesse sentido, fica evidente a necessidade de trazer à tona discussões a este respeito, do papel do homem e da mulher na sociedade, da visão patriarcal do homem ocidental em relação a essas reflexões.

Dentro da nossa sociedade, ser mulher significa seguir padrões impostos e para mulheres de etnias diferentes, especialmente a asiática pode sofrer uma maior opressão do que podemos compreender, uma vez que não são vistas como brasileiras, mas sim através de um olhar negativo do imigrante. Elas têm enfrentado perda de valor, silenciamento e inúmeros desrespeitos.

Nesse interim, mencionamos a história cultural das gueixas que é envolta de muitas leituras ocidentais errôneas que confundem a profissão de gueixas com a prostituição de luxo, fruto de toda a restrição cultural que envolve a profissão.

Essa percepção equivocada se espalhou no Ocidente depois da ocupação norte-americana do Japão, após a Segunda Guerra Mundial em que em meio a miséria, muitas mulheres vestiam um quimono e vendiam seus corpos, autodenominando-se gueixas. Trecho da história do Japão, e os anos que precederam são retratados no filme Memórias de uma Gueixa (2005).

As profissionais do sexo existiam, mas não eram as gueixas. "Ser uma gueixa é ser julgada como obra-de-arte." (Memórias..., 2005). A palavra gueixa surgiu para intitular “aquelas que vivem da arte”. As gueixas foram os primeiros constituintes mais próximos do feminismo que o Japão possuiu; seu mundo, envolto por sonhos, romance, luxo e exclusividade é o que mais fascina o sexo masculino, remetendo-os à imagem de mulher perfeita, bonita, delicada, inteligente, atenciosa e vaidosa. Ser uma gueixa concedia a elas certa liberdade do qual as esposas não possuíam.

Dessa maneira, as gueixas representavam as mulheres modernas, extrovertidas e sensuais, ao invés de recatadas e reprimidas despertando curiosidade entre japoneses e também entre ocidentais, pois desfrutam o glamour proporcionado por quimonos caríssimos, banquetes e companhia dos homens mais poderosos do Japão e do mundo, mas a vida de uma

gueixa não é somente luxo e ostentação, não basta possuir beleza, são necessários anos de treino nas artes da dança, do canto e da música para deixar de ser uma aprendiz e se tornar uma profissional.

A ocidentalização do Japão fez com que cada vez menos meninas se interessassem pela arte de ser uma gueixa. "Nós nos tornamos gueixas, porque não temos escolha." (Memórias..., 2005). A arte e o mistério que até então eram o grande mistério a ser desvendado começou a ruim, principalmente, após a Segunda Guerra Mundial. No Oriente de Sayuri, tal como no Ocidente de Capitu, o mundo revelou-se de maneiras múltiplas, maneiras essas que não podem ser tão facilmente desvendadas, mas mesmo diante de tantos distanciamentos algumas coisas unem essas realidades, a ideia que mesmo diante de um mundo cada vez mais globalizado, mundializado e fluido, há particularidades que não foram perdidas, segredos que ainda permanecem bem como lutas que são travadas todos os dias para que haja mais igualdade, respeito e liberdade sejam de fato algo real e não apenas um processo ilusório e literário tão sonhado pelos grandes autores.

Assim como há abismos que separam Oriente e Ocidente, sim, adotamos os termos em maiúsculo, não por ser substantivo próprio, mas por ser conceito literário, há outros abismos que aprofundam a outros tantos problemas, não somente no campo da pesquisa, mas como também na perspectiva das afetividades, sociabilidade e condição humana. Na própria academia vivenciamos a dualidade de sentidos, o próximo e o distante, orientalismo e ocidentalismo, complexas partes da Teoria dos Jogos. Não é somente o campo acadêmico e científico que é colocado à prova a todo o momento, mas as reverberações dos discursos, muitas vezes embutidos de teóricos, assim como na sutileza do oriente, que machucam em nome de uma verdade desvirtualizada e decadente, como defende Foucault.

É preciso humanizar a ciência, não no sentido teórico, mas na prática do processo. Assim como podemos analisar que mesmo quando analisamos os discursos de poder que tornam tantas coisas tão distantes, há outras que nos aproximam, explicam os fatos e nos tornam mais humanizados, mesmo diante de tantos hiatos.

Seja no Oriente ou Ocidente, próximo ou distante, que a ciência possa de maneira ampla compreender os micromundos que circundam todo o processo e aquilo que nos faz tão diferentes, em algum momento, possam nos aproximar nessa imensa aldeia global, nada justa, nada igualitária, mas humana, que por muitas vezes acolhe no lugar de segregar. As distopias que aqui foram apresentadas, em última instância, são somente uma maneira de fazer com que repensemos os próprios conceitos e teorias, verdades e discursos, para quem sabe um dia, transformar o distante em próximo e aprender com o diferente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Não se pode dizer para o sol mais sol, ou para a chuva menos chuva. Para um homem, uma gueixa só pode ser metade de uma esposa. Somos as esposas do anoitecer.
> E, ainda assim, aprender a ser gentil diante de toda brutalidade, a compreender que aquela menina era mais corajosa do que se pensava e que teve suas preces atendidas. Isso não pode ser chamado de felicidade?
> Afinal, essas não são as memórias de uma imperatriz, nem de uma rainha, essas são memórias de outra espécie
> (Memórias de uma gueixa, 2005, 135min)

Ao analisarmos o percurso deste artigo é importante ressaltar que através das diferenças e das aproximações e distanciamentos é que os alinhavos foram realizados. Tecnicamente a natureza científica se deparou com a condição humana, que não pode ser desprezada no processo, assim como um artigo científico não pode ser baseado apenas nos achismos e sem fundamentação.

Assim como a sociedade fluida de Bauman, a sociedade também vem se transformando, trazendo novos horizontes e maneiras de escrita que visam potencializar a escrita sem deixar de lado o contexto humano, tão importante na área que escolhemos para estudar; as humanidades.

O que nos aproxima e nos distancia na perspectiva entre Oriente e Ocidente está muito além dos que os estudos podem revelar. Alguns discursos reverberam ao longo do processo, mas sufocados por distintos contextos, acabam por ser enfraquecidos e distorcidos. Analisar esse discurso no contexto das transliteraturas e interculturalidade se faz necessário para que possamos compreender o todo, mas não necessariamente o cerne do processo.

Ao analisamos as questões de gênero, das relações internacionais e dos estudos que atravessam e permeiam tal processo, podemos ter uma contextualização do todo, mas não necessariamente dos seus signos e significados. Parafraseando o próprio filme *Memorias de uma gueixa*, talvez essas sejam incumbências de estudos de outro tipo, um tipo que talvez apenas aqueles que estejam necessariamente no processo e possuam um lugar de fala possam realmente definir. Muito se fala em oriente a partir dos apontamentos e estudos realizados no ocidente. É preciso rever esses conceitos, tal como repensar os processos que os levam a tantas considerações sobre um universo tão complexo até mesmo para os orientais, nesse artigo representado pelo estudo do japonismo.

Assim, patente ressaltar que procuramos ao longo do processo e emaranhado de contextos e contexturas assentar as palavras finais, finais não no sentido de fim literalmente,

mas de uma pausa reflexiva no percurso de reflexão o que ficou evidente são os processos de apreensão do mundo e relação humana baseadas em mecanismos de representação. No decorrer desses processos, indivíduos e sociedades utilizam-se de reduções, estereótipos para construir imagens e cultura do outro na tentativa de dominar e manter seu pensamento hegemônico, dessa forma, compreender as aproximações e distanciamentos tornam-se cada vez mais complexos de serem compreendidos, ao contrário que muita gente pensa.

Na prática, quem é vítima de estereótipos normalmente não é permitida a participação na construção de sua representação no imaginário coletivo; a eles não são dadas a possibilidade de mudanças em sua imagem, valores e visão de mundo, pois suas características são fixadas e distorcidas conforme a imposição dos valores vigentes, sejam eles no Oriente quanto no Ocidente.

Sob o influxo das dinâmicas apontadas no decorrer de nosso estudo, da relação entre o Ocidente e o Oriente – representantes da hegemonia ocidental eurocêntrica – subjugou os povos orientais, ou tentou fazê-lo, desde os primórdios da relação entre eles, retratando, dessa forma o oriental como exótico e inferior. Em função dessas articulações, o Ocidente procura restringir a uma imagem estática construída por ocidentais, tentando manter uma ordem social vigente, justificando inclusive, a dominação do oriental. Ilustramos tal processo com o livro e filme Memórias de uma Gueixa, assim como no ocidentalismo com a personagem mais famosa de Machado de Assis, Capitu.

Numa lógica criticável inferimos que o orientalista explica por que o Oriente é como é, mas esquece de que este Oriente como é, na verdade, foi construído e imaginado historicamente pelo Ocidente.

Existem muitos aspectos que não poderiam ser explicados se não considerarmos o resto do mundo, onde processos globais não estavam em andamento. Apenas uma minúscula parte de toda uma estória foi estudada aqui, pois há muito que pode ser discutido – dimensões culturais, ideológicas – pois se o Outro foi necessário para a formação social, política e econômica do Ocidente, foi também essencial para a formação de sentido do próprio Ocidente. E justamente nesse ponto em cena a noção de discurso como forma de falar sobre ou representar algo, pois o discurso produz conhecimentos que moldam percepções e práticas em que o poder opera. O Ocidente produziu muitas formas de falar sobre ele mesmo e sobre o Outro. Houve-se um discurso forte e estruturante que deve ser analisado como um sistema de representação, um regime de verdade, que serviu de base para o Ocidente e para as sociedades modernas.

De forma geral, tais considerações abrem espaço para refletirmos que esse discurso continua a modular a linguagem do Ocidente e a sua própria imagem, em relações de poder. Seguindo esse discurso, podemos afirmar que a relação entre Ocidente e Oriente está longe de ser uma formação do passado; é um discurso que continua vivo e ativo no mundo moderno, como podemos mostrar através de aproximações e distanciamentos no filme Memórias de uma gueixa, em destaque na construção discursiva feminina japonesa, bem como na personagem Capitu de Machado.

Portanto, para compreendermos o Orientalismo, tal como o Ocidentalismo é preciso um cuidado com as pequenas nuances e processos que legitimam não somente os discursos de poder, mas também a própria lógica dos conceitos aqui estudados. Compreender que os processos são extremamente imbricados, mesmo quando falamos dos distanciamentos, é parte fundamental para compreendermos também que há aproximações extremamente necessárias e que abarcam a complexidade dos contextos humanos, mas como também se apresentam de forma tal que conseguimos visualizar algo para além do escrito, do definido. Porém, ao analisarmos tais complexidades, ficou bem claro a necessidade de um embasamento extremamente profundo para analisar as singularidades e complexidades de todo o processo.

Ao analisarmos o próximo e o distante, fica evidente a necessidade de novos estudos e olhares sobre o mesmo prospecto, mas, sobretudo, identificamos que são nas particularidades e tênues contextos que o Orientalismo se agiganta, bem como no processo mais aberto e linear que o Ocidentalismo cria forma e se mantêm como instrumento de manutenção de poder. O feminino que ilustra esse artigo mostra a luta de duas mulheres com contextos completamente diferentes, mas que se aproximam no que tange à necessidade da luta por uma fala e uma memória negada a elas ao longo de suas vidas. Tal como o próprio título sugere, haverá aproximações e distanciamentos sempre que falarmos de universos tão distintos, todavia, é a necessidade de compreender, estudar e fazer ciência que faz com que essa perspectiva seja tão incrivelmente interessante para ser estudada.

Não é o que nos aproxima que nos torna mais fortes ou melhores, tão pouco o que nos distancia, o que faz com que consigamos fazer ciência em contextos tão complexos se deve à necessidade inerente do ser humano de conhecer e construir conhecimento. Conhecimento esse que não faz distinção entre norte e sul, oriente e ocidente. Assim, que novos estudos possam ser realizados na busca de novos olhares sobre algo que já existe há muito tempo, mas que foi deixado de lado, inclusive pela academia. Ela, a academia, é local de democratização do conhecimento, mesmo que os nichos sejam cada vez mais restritos e o conhecimento disputado como discurso de manutenção de poder e ego.

Talvez ao entendermos que a aproximações e distanciamentos podem convergir, conversar e seguir por caminhos não tão opostos, possamos compreender que a academia, os acadêmicos e os docentes possam fazer o mesmo. O que nos distancia não é somente o fator geográfico que um pouco se perdeu ao longo do processo de globalização, mas a afetividade que muitas vezes se perde ao longo do processo. Não adianta aplicamos um discurso de acolhimento se na verdade, a academia, que é um espelho da sociedade, segrega e mantém na prática tudo aquilo que nega em teoria. Não é preciso ir ao oriente para entendermos que o abismo que nos distancia não está nas relações necessariamente dos pontos cardinais, mas, sim, nas relações de poder e submissão presentes em todo o processo aqui estudado.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro.** Porto Alegre: Novo Século, 2001.

BARROS, Benedicto Ferri de. **Japão:** A harmonia dos contrários. São Paulo: T.A. Queiroz. Editora, 1988.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** – a experiência vivida; tradução de Sérgio Millet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BIROLI, Flávia. 2011. "Gênero e política no noticiário das revistas semanais brasileiras". **Cadernos Pagu,** n. 34, p. 269-299.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos:** mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números. Tradução por Vera de Costa e Silva. 19ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

COIMBRA, Adriene Costa de Oliveira. **Essas Mulheres Machadianas.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos. Curso no Collège de France,** 1979-1980 (excertos). Tradução de Nildo Avelino. Rio de Janeiro: Achiamé, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I:** A vontade de saber. 14ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2001 [1988].

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. Rio de Janeiro: Vozes, 1977 [1975].

GOLDEN, Arthur. **Memórias de Uma Gueixa.** São Paulo: Imago, 2006.

MAIA, Lílian de Sant'Anna. O Arquétipo de Bentinho: entre o social e o psicológico. São Paulo, In: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 2008, São Paulo. **Publicações Filologia,** São Paulo, 2008. Disponível em: www.filologia.org.br/machado_de_assis. Acesso em: 20 jan. 2022.

MEGID, Daniele Maria. Mulheres de Jornal: personagens femininas de Quincas Borba e leitoras de A Estação. In: Simpósio Nacional de História, n. XXVI, jul/2011, Unicamp, Campinas. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH,** Campinas, 2011, p.1-17. Disponível em: www.snh2011.anpuh.org/resources/anais. Acesso em 21 jan. 2022.

MEMÓRIAS de uma Gueixa. Direção: Rob Marshall. Produção: Steven Spielberg. Londres, Inglaterra: Columbia Pictures Corporation, 2005.

OLIVEIRA, Regildo de. **A mulher no século XIX.** 2012. Disponível em: https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-sociedade/3511571. Acesso em: 02 fev. 2022.

ORTIZ, Renato. **O Próximo e o Distante:** Japão e modernidade-mundo. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2007.

SAID, Edward. **Orientalismo.** O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1978 [2007].

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. São Paulo: Record, 2000.

VENN, Couze. **Occiddentalism. Modernity and Subjectivity.** Londres: Sage. 2000.

SOBRE OS AUTORES

Thiago Augusto Narikawa
Graduação em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e Letras pela Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA). Pós-graduação em Docência Universitária (UEG). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Professor, gestor, instrutor, palestrante, revisor, tradutor, membro dos grupos de pesquisas Letramentos, Cultura, Conectividade e Educação (LECCE) e Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores de Línguas (GEFOPLE), membro da equipe do Prêmio Coca-Cola de Redação, idealizador e coordenador do Preparatório Solidário UNIALFA.
E-mail: augustonka@gmail.com

Eliézer Reis Vicente
Doutorando em Educação em Ciências e Matemática pela Universidade Federal de Goiás (PPGECM/UFG). Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás (PPG-IELT/UEG). Especialista em Alfabetização, Letramento e Educação Infantil pela Faculdade IMES. Graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Goiás (UFG/RC). Graduado em Pedagogia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV) e graduando em Sociologia pelo Centro Universitário Cidade Verde (UniCV). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).
E-mail: eliezervicentte@gmail.com

Ellen Risia de Siqueira Freitas
Mestra em Educação, Linguagens e Tecnologias (PPG-IELT) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Especialista em "Coordenação Pedagógica e Escolar" e em "Alfabetização e Letramento" pela Faculdade Focus. Graduada em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), (2015-2018).
E-mail: risiaellen@gmail.com

Olira Saraiva Rodrigues
Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás). Doutorado em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Pós-doutorado em Estudos Culturais pelo Programa Avançado de Cultura Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-doutorado pelo Departamento de Ciências da Comunicação e da Informação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Portugal. Coordenadora do Grupo de Pesquisa LECCE - Letramentos, Cultura, Conectividade e Educação.
E-mail: olira.rodrigues@ueg.br

Artigo recebido em 31/08/2024.
Artigo aceito em 20/05/2025.